

Curitibocas. Alguns testemunhos.

Arthur Virmond de Lacerda Neto.
2016.

Acerca do comportamento do curitibano há alguns testemunhos e interpretações, dos quais celebrizou-se o de Fernando Pessoa Ferreira. Natural de Olinda, residiu por dez anos em Curitiba, onde exerceu o cargo de superintendente do Teatro Guaíra. Jornalista, trabalhou em gazetas do Rio de Janeiro (*Diário Carioca*, *Correio da Manhã*, *Ultima Hora*) e nas revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*. Em São Paulo, colaborou com a *Folha da Tarde* e na *Folha de São Paulo*.

No terceiro volume da coleção *Livro de Cabeceira do Homem* publicou-se (em 1967), da autoria de Fernando Ferreira e intitulado *Curitiba, a fria*, retrato irreverente de Curitiba em que, entremeados com várias observações facetas, contudo empíricas, apontou traços do curitiboca.

A propósito de estudantes forasteiros, diz: “*Jamais são absorvidos pelo meio local*, ao contrário do que ocorre no Rio, por exemplo, onde milhares de rapazes e moças vêm de longe em busca de diploma e em pouco tempo tornam-se carioquíssimos. Mais de uma vez ouvi amargos ressentimentos de rapazes que, prestes a concluírem seus cursos, confessavam que nunca haviam sido convidados a visitar uma casa de colega curitibano: “Estou aqui há cinco anos - diziam - e continuo sendo tratado como estranho”. (Itálicos meus).

Adiante: “A cidade é *esquiva e áspera* [...]”. Cidade, como metonímia por cidadãos. (Itálicos meus).

Após mencionar o alcunho de Cidade Sorriso, adverte: “Não caíam nessa, meus irmãos! Pois a cidade é *das mais taciturnas* e sorriso, quando há, provoca olhar de censura das matronas cívicas que assolam o Paraná”. (Itálicos meus).

No penúltimo parágrafo: “Depois de conhecer Curitiba, você poderá começar a achar *os paulistas* demasiado *amáveis e hospitaleiros*. E talvez, estranhe, *em Belo Horizonte*, a absoluta falta de preconceitos. Esteja certo de que sua opinião não comoverá os curitibanos. Curitiba é antes de tudo uma *fria*.” (Itálicos meus).

Ou seja: o meio curitibano recusa o forasteiro e impede-o de integrar-se nele; os curitibanos são esquivos e áspers, vale dizer, evitam a interação e quando interagem, são indelicados; o povo curitibano é taciturno; a comparação entre curitibanos de um lado e paulistas, por outro, resulta em desfavor dos primeiros, pela sua carência de amabilidade e hospitalidade; o cotejo de curitibanos com habitantes de Belo Horizonte enfatiza o preconceito daqueles (como o pudor, que Fernando Ferreira aponta) e a abertura mental dos segundos.

Descontado o tom geral de irreverência de *Curitiba, a fria*, tais peculiaridades correspondiam ao etos do curitibano nas décadas de 50 e 60 do século 20, tal como Fernando Ferreira observou-o. Prosseguem tal e qual em 2016, em relação à reserva e à taciturnidade.

A nota de aspereza advém da comparação entre o curitibano e outras gentes no Brasil: falta ao curitibano a doçura, a amabilidade no trato humano e mesmo no sotaque. O curitibano é áspero não por rudeza, mas por ausência da espontaneidade afável com que outros interagem e falam. Ainda que haja curitibanos polidos e gentis (há-os), rareiam os afáveis, ao mesmo tempo em que a pronúncia curitibana é, de todo, carente do “português com açúcar” a que se referia Gilberto Freyre para caracterizar a entonação brasileira. Ambos caracteres compaginam-se: a pronúncia seca exprime a frieza das relações.

Também é sugestivo o traço do preconceito, que Fernando Ferreira aponta como presente no curitibano e ausente em Belo Horizonte: o curitibano é ou era essencialmente conservador, em sentido coloquial, vale dizer, formado no etos heteronormativo, machista, homofóbico, teonormativo católico, o que não correspondiam a exclusividades suas, porém a formas mentais comuns à maioria dos brasileiros. Em Curitiba, contudo, semelhante etos manifestava-se com mais intensidade ou mais desdobramentos, ou a ele adicionavam-se outras caretes, suficientes para que, da comparação entre o curitibano e os habitantes de Belo Horizonte (e, possivelmente, de outras cidades) se percebesse a tacanhice do curitibano, notadamente dos chamados “tradicionais”, vale dizer, pertencentes à classe média urbana de estirpes antigas. (Aliás, é vezo curitibano enaltecer com o adjetivo tradicional qualquer instituição e casa comercial antiga de mais de dois ou três lustros, como se dez ou quinze anos de existência tornasse-a tradicional e como se a suposta tradicionalidade representasse mérito. Há famílias tradicionais, no sentido de antigas, de nomes sonoros na história da cidade, arquivadas, por exemplo, na *Genealogia Paranaense*, de Francisco Negrão.).

Dante Mendonça, em seu *Curitiba. Melhores defeitos, piores qualidades* (Bernúncia Editora, 2009, Florianópolis), acrescenta: “Poucas coisas são mais constrangedoras e desconfortáveis do que pegar um elevador em Curitiba. Ninguém se cumprimenta. Pode estar apinhado de gente, que ninguém ousa cruzar os olhares – palavras, então, seriam um sacrilégio.” (p. 39). Usualmente, o curitibano ignora os circunstantes que desconhece; não lhes dá palavra; evita mesmo o contato visual.

A propósito das calçadas recorrentemente esburacadas e em mal estado, Dante Mendonça alude à necessidade de se calcorreá-las de modo cabisbaixo e ensimesmado, atento às irregularidades que se deparam ao pé. E prossegue: “Talvez daí essa lenda do curitibano que não cumprimenta ninguém, nem o vizinho. No máximo com um *oi*, um *olá*. O sonoro *tudo bem?* só mesmo se o vizinho estiver sendo algemado, e na porta do camburão.

Curitiba – como o escritor Gay Talese já escreveu sobre Nova York – “é uma cidade de vizinhanças em que as pessoas não têm vizinhos.” (obra citada, p. 40).

Tirante a caricatura do vizinho algemado e na porta do camburão, em Curitiba escasseiam relações de vizinhança: entre curitibanos e de curitibanos em relação a forasteiros é normal vizinhos desconhecem-se e ignorarem-se.

Na análise de Cristovão Tezza, o traço principal do curitibano talvez seja-lhe o conservadorismo: o curitibano é “conservador, naturalmente conservador – o curitibano não gosta muito de criar caso, gritar ou exigir aos brados alguma coisa: é como se ainda houvesse um substrato mental nos dizendo que aqui não é a nossa casa. Uma espécie de “comporte-se” silencioso e poderoso [...]. E é um substrato tão poderoso que qualquer “estrangeiro” – digamos, um carioca, um catarinense do litoral ou um baiano, acostumado a viver em voz alta – ao chegar em Curitiba *levará sempre um primeiro choque: súbito, sente-se que há uma fina camada de gelo entre as pessoas, um sentimento de distância, invisível mas permanente.*” (itálicos meus. Obra citada, p. 42).

A metáfora glacial é apropriada: a “fina camada de gelo entre as pessoas” corresponde ao “sentimento de distância”, à ausência de afabilidade, de cordialidade, de calor humano, de espontaneidade. Em suma: taciturnidade e frieza que todo forasteiro percebe e que o próprio curitibano reconhece ao tratar com forasteiros, notadamente nas respectivas terras. Daí a importância curadora da viagem, em que o curitibano viaja e interaja com outras gentes.

Em Goiás é deseducado abster-se de cumprimentar (com bom dia, boa tarde, boa noite) o porteiro do prédio a que se adentra ou o vendedor da casa comercial. Em Curitiba, ao contrário.

Em contrapartida, José Guimarães Castello Branco (segundo o informa Dante Mendonça) “não enxerga no curitibano o tímido, fechado e arredio”, o que bastante me estranha. Carioca, radicado em Curitiba em 1994, José Castello Branco observou insuficientemente; entranhou o modo de ser curitibano sem o cotejar com outros modos; é por demais ingênuo ou renunciou à sinceridade. Será verídica a derradeira hipótese? Habitante de Curitiba, ele terá desejado poupar de melindres conhecidos, amigos e relações úteis, notadamente as últimas. Não convém suscitar dissabores em quem nos pode ser valioso.

Por outro lado, ele reconhece no curitibano “excesso de formalidade”, o que, por sua vez (segundo interpreto), indica a distância entre as pessoas. Há formalidade exacerbada porque escasseia a proximidade. Onde as pessoas são distantes, mantêm a formalidade mais do que a manteriam se o trato entre elas se caracterizasse pela espontaneidade. Em suma: curitibano frio e distante.

Mas o próprio Dante Mendonça (natural de Florianópolis e morador de Curitiba) contemporiza com o etos curitibano: “Os curitibanos frios, aqueles que não conhecem e nem mesmo cumprimentam os vizinhos, rareiam.” (Obra citada, p. 45). Rareiam? Rareiam?? Não, não rareiam. Eles existem em quantidade perceptível. Decresceu a quantidade de moradores que desconhecem os seus vizinhos e sequer os cumprimentam graças à presença, já majoritária, de forasteiros, porém os curitibanos natos persistem no comportamento anti-vizinhança e reservado. O ambiente de Curitiba melhorou graças aos adventícios; não melhoraram os curitibanos “tradicionais”.

Dante Mendonça narra anedota:

“Contratado para trabalhar numa multinacional na Cidade Industrial, o engenheiro paulista foi na imobiliária assinar contrato de aluguel de uma casa num condomínio bacana em Santa Felicidade.

- Como é a vizinhança? – perguntou o paulista.

Respondeu o corretor, depois de pensar duas vezes:

-Só te garanto que a casa é boa. A vizinhança ninguém sabe!” (obra citada, p. 45).

Simone Mattos, no seu “Homo curitibanus”¹, principia com uma interrogação: “Famoso nacionalmente por não falar com estranhos, jamais visitar alguém sem telefonar antes e nem sempre cumprimentar o vizinho de porta, o curitibano é tido como o povo mais frio e arredio do Brasil. Mas será que na prática é mesmo assim?”.

Responde com análises de Carlos Alberto Pessoa, Dante Mendonça, Rafaela Senff Ribeiro e Emílio Fenianos.

Carlos Alberto Pessoa imputa o comportamento arredio do curitibano à sua ascendência européia, ao clima e à altitude da cidade (943 metros).

Realmente, o clima frio e nublado, com escassez de luminosidade, privação de calor e de luz solar, produzem efeito deprimente em inúmeras pessoas, desanimam-nas, induzem-nas à esquiva e não à alegria, à espontaneidade, à vida de relação. É observação comezinha, nas escolas, o ânimo alegre dos alunos em dias quentes e, ao revés, a introversão silenciosa, nos cinzentos e frios.

¹ http://www.psicologarafaelasenff.com.br/textos_homo.php. Acesso em 3 de agosto de 2016. Prosa hospedada no sítio de Rafaela Senff Ribeiro.

Dante Mendonça reproduz a piada que lhe narraram: “Sabe por que em Curitiba ninguém se cumprimenta ? Porque, para uma cidade ser considerada grande, as pessoas não devem se cumprimentar”.

Rafaela Senff Ribeiro considera que as “lendas e mitos em torno do suposto comportamento frio [do curitibano] se transformaram num pré-conceito sobre os curitibanos, o que faria com que as outras pessoas, diante deles, adotassem uma postura diferente, de defesa”. Segundo ela, “Isso conseqüentemente faz com que o curitibano responda a esse comportamento, fugindo da sua atitude natural; se as pessoas não tiverem esse pré-conceito, acredito que a relação a ser estabelecida será diferente”. Acrescenta: “Já foram mais frios. Antes, o caráter arredio era evidente na forma como as famílias educavam seus filhos e nos relacionamentos: mais abertos apenas com aquele grupo conhecido e escolhido a dedo, enquanto se evita o contato com os demais”. (Rafaela Ribeiro identifica, também, nos curitibanos, a preocupação exacerbada com a opinião alheia, o conservadorismo como resistência às mudanças, a impaciência, a obediência, o comprometimento e o bem trajar-se.).

A explicação da psicóloga Rafaela Ribeiro é singular: o que ela qualifica de mito do curitibano frio originou preconceito contra os curitibanos, motivo porque os forasteiros tratam-nos em atitude de defesa, devido à qual os primeiros alteram o seu comportamento: os forasteiros consideram os nativos frios; por isto, os nativos tratam os forasteiros com frieza; se os forasteiros não os reputassem frios, os curitibanos não os tratariam com frieza.

Trata-se de avaliação estapafúrdia, com raciocínio circular, autêntica falácia em que se toma o efeito como causa, que exculpa os curitibanos e culpa os forasteiros. A causa consiste no comportamento arredio dos curitibanos; o efeito, na prevenção dos forasteiros em relação a eles. Segundo Rafaela Ribeiro, contudo, a causa do comportamento dos curitibanos acha-se no preconceito dos forasteiros contra o comportamento deles que, por sua vez, resulta do próprio preconceito.

É pseudo-argumento de defesa do ego, próprio, aliás, de quem reconhece a veracidade da crítica e engenha, com mais ou menos argúcia (no caso, com bastante menos) justificativas e explicações.

É óbvio que se os forasteiros percebem os curitibanos como taciturnos, tal percepção não decorre da imaginação deles, porém da observação realista de fatos majoritariamente reconhecidos e notórios. Não há, neste sentido, preconceito nem a imagem do curitibano frio e arredio equivale a “lendas e mitos”, mas, ao contrário, à mais fiel realidade.

É admissível que algum forasteiro adote atitude de defesa em relação aos curitibanos, porém não é ela que produz o temperamento macambúzio nem o comportamento distante deles. Ao contrário, temperamento e comportamento existem independentemente de alguma virtual prevenção dos forasteiros, mesmo porque um e outro manifestam-se também entre nativos: a distância, a frieza, a taciturnidade, o curitibano exerce-os em relação aos estranhos, em que tal substantivo não designa exclusivamente os forâneos, mas qualquer pessoa que ele desconheça, ou seja, que não lhe haja sido apresentado ou que não conheça por relações de família, trabalho ou convívio escolar. Mesmo nos ambientes laborais e escolares, existe distância de curitibano a curitibano e de curitibano a forâneo. A coexistência não representa, não necessariamente, motivo de proximidade pessoal. Precisamente nisto é que radica o defeito incoercível do curitibano-curitibóca.

É especioso imputar-se aos outros a escassez de interação do curitibano. Aliás, é típico de muitos brasileiros transferirem a outrem a responsabilidade por defeitos e males cuja culpa pertence ao imputador e não a terceiros. Parte do público brasileiro é viciada em culpar aos outros

e a cegar-se ao seu próprio papel na geração das mazelas e à sua responsabilidade na resolução delas (os culpados usuais são a colonização portuguesa, a ditadura militar e o capitalismo).

Na avaliação da psicóloga Rafaela Ribeiro funcionou precisamente tal tipo de mentalidade: se os curitibanos são arredios e taciturnos, a culpa não é deles, porém alheia, especificamente dos forasteiros. Péssima avaliação, pior explicação.

Não há pré-conceito nem preconceito. A fama do curitibano não se constituiu *a priori*, pelos forasteiros, mas *a posteriori*. Os curitibanos não *reagem* aos forasteiros, mas *agem* relativamente a eles e aos próprios nativos. Os forasteiros não são culpados pelo etos curitibano, porém eles e os próprios curitibanos são-lhe os pacientes. Culpados pela forma de ser e de relacionar-se dos curitibanos, são os próprios curitibanos e não os outros.

Eduardo Emílio Fenianos, submetido à pergunta “Por que o curitibano tem fama de povo arredio e frio?”, respondeu com sinceridade: “Porque realmente é. Mas, aos seus próprios olhos, é perfeitamente normal [...] Onde está escrito que devemos cumprimentar as pessoas no elevador? Quem disse que elas querem responder às usuais perguntas sobre o clima que normalmente iniciam conversas que não levam a nada? Há dias em que não há vontade de conversar e neste ponto o curitibano é sincero e honesto”.

Eduardo Fenianos admitiu a realidade e reconheceu a carência de auto-crítica do curitibano, que julga normal a insociabilidade. Tal carência provém da ausência de discernimento intelectual e de cotejo do próprio curitibano com outras gentes.

Não é expectável que os curitibanos avaliem racionalmente o seu caráter e concluam negativamente; é presumível que o avaliem empiricamente, por observação da forma de ser e de relacionar-se de outras gentes, e concluam desfavoravelmente em relação às suas maneiras de ser e de relacionar-se. Daí a importância das viagens dotadas de valor antropológico, em que o viajante em geral e o curitibano em particular observe o etos e a maneira de ser vigentes em outras cidades, do Brasil e do exterior. Pessoa que residiu no exterior regressa acrescentada na amplitude nas suas percepções. Curitibano que residiu no exterior (seja no próprio Brasil, seja em outro país), é expectável que regresse, no mínimo, surpreso com a sua taciturnidade e com a simpatia alheia; é desejável que, da surpresa, melhore as suas formas de ser e de interagir.

Há dias, realmente, em que na pessoa (curitibana ou não) falece ou nela escasseia o ânimo de relacionar-se. Mas o que está em causa, no curitibano, não são momentos esporádicos de ensimesmamento, passíveis de atingirem qualquer pessoa. O que está em causa é o etos que transcende a introversão episódica e instalou a introversão crônica.

Quando Eduardo Fenianos formula a pergunta retórica “Onde está escrito que devemos cumprimentar as pessoas no elevador?” ele verbaliza a mentalidade do curitibano típico, para quem não constitui deseducação ignorar os demais no elevador, para quem ignorar o próximo, abster-se de interagir, fingir que não ouviu o que lhe disseram, esquivar-se de prestar informações na rua, tratar aos demais como se inexistissem, todas formas de insociabilidade, fossem normais. Para ele o são, diversa e mesmo inversamente dos padrões de interação fora de Curitiba.

Roberto Gomes publicou, na *Gazeta do Povo* de 21 de março de 1988, crônica intitulada “O Curitibano – Método de Abordagem”, em que expõe a forma de se aproximar do curitibano. “*Antes de mais nada, diz, é preciso ser apresentado ao curitibano*”, porquanto, digo, curitibano não fala com estranhos.

Uma vez apresentados um ao outro, dois indivíduos, “*não é raro que o curitibano no dia seguinte - ou na semana seguinte - venha a cruzar com o Pedro* [personagem fictício, que se

apresentou ao curitibano] e fazer de conta que nunca o viu na vida. É curioso, mas trata-se de uma espécie de técnica de esquiva dos nativos a qual é preciso se acostumar”.

Caso Pedro e o curitibano sejam novamente apresentados, jamais se deve dizer “Já fomos apresentados”. Porém, se se infringir tal proibição da etiqueta, “o máximo que se consegue [...] é um muxoxo enfadado: -Ah, é? [...]

Não force a barra na aproximação [...]. Faça de conta, também, e por mais que lhe custe, que não sabe com quem está falando. [...] Caso vença esta etapa, chegará um dia em que o curitibano, talvez não se sentindo ameaçado, talvez já não sentindo ser humilhante reconhecer que tem diante de si um ser humano como tantos outros, responderá a seu oi com um outro oi.

Numa próxima etapa, havendo mais gente por perto pra mediar o contato e havendo um assunto sério sobre o qual discorrer [...] poderá se ir além disso. Se (sic) tornará possível conversar com o curitibano. Tente assuntos leves, mas sempre ligados ao dia-a dia [...] Falar sobre o tempo é uma boa. Por exemplo:

- Que calor, hein ?

- É mesmo, que calor!

- E de repente faz frio.

- Pois é, de repente faz frio. E chove.

- Vá entender!

- Pois é, quem entende ?

Considere tal diálogo um sucesso. É possível que, ao final, ocorra outro diálogo padrão:

- A gente precisa se ver.

- É mesmo, a gente precisa se ver.

Seria impróprio esperar que se possa ir além disso. Por exemplo: endereços, telefones, para onde quando fica o nosso reencontro, nada disso deve ser questionado. Pois é certo, pelos rituais do primeiro planalto paranaense, que João e Pedro não se encontrarão a não ser por acaso – e desde que não se possam evitar, mudando de calçada, de mesa no restaurante, ou fincando um olhar fanático na ponta dos próprios sapatos. Na verdade, se espera que ninguém tenha real intenção de se reencontrar.

Até que chegará um dia em que uma grande intimidade - para os padrões nativos- será alcançada. O início da conversa será então o seguinte:

- Que anda fazendo ?

Claro, a pergunta faz sentido e não é absurda. Mas ela será feita mesmo que aquele a quem se pergunta tenha aparecido nos jornais todos os dias nas últimas semanas [...] Acontece que um curitibano, por definição, nunca admite saber o que o outro está fazendo. É do ritual.”

O que é normal para o curitibano, não o escandaliza, não lhe merece reprovação, constitui o anormal, o inusual, o deseducado e o censurável fora de Curitiba. Se o brasileiro é tipicamente cordial, o curitibano não é brasileiro. Wilson Martins escreveu livro, sobre o Paraná, que intitulou “Um Brasil diferente”. Curitiba, capital do Paraná, não é apenas um Brasil diferente: não é Brasil, ao menos, não é brasileira em relação à simpatia dos brasileiros e ao seu clima, frio, obscuro e lúgubre.